



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteado, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições,

oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural, ateliês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível. Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu.

Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

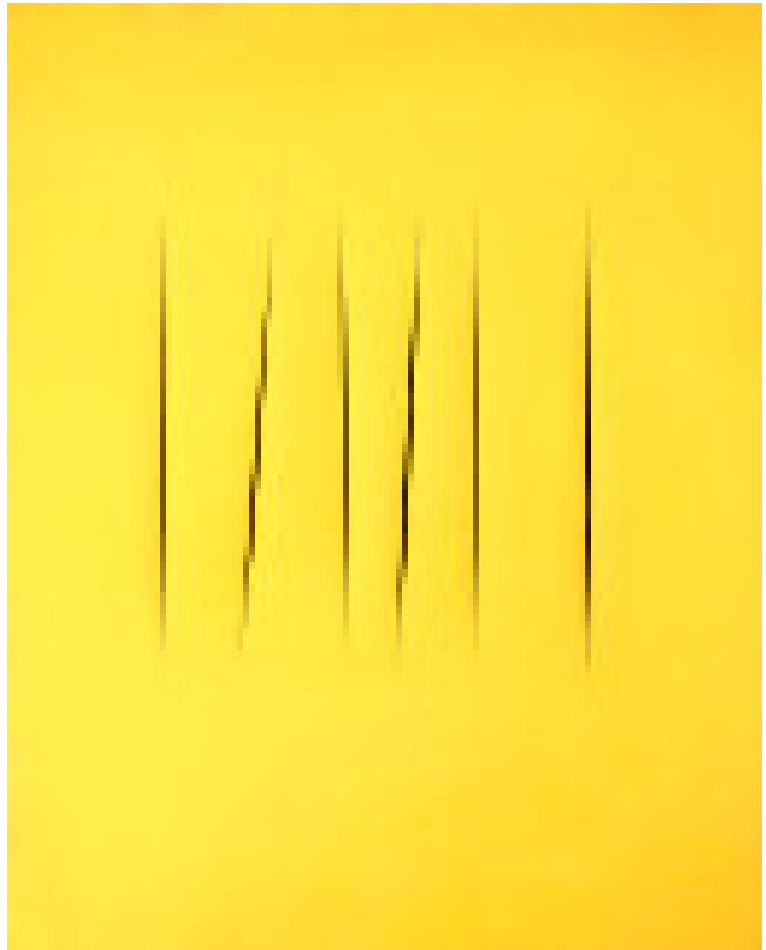
Nascido na Argentina, mas de ascendência italiana, aos seis anos de idade Lucio Fontana vai à Itália para estudar. A partir de 1910 inicia seu aprendizado artístico no ateliê de escultura do pai, em Milão. Com o início da I Guerra Mundial ingressa no exército como voluntário e, ferido em batalha, tem a oportunidade de retornar aos estudos.

Em 1921, de volta à Argentina, inicia sua atividade como escultor ainda junto ao pai, mas, logo em seguida, monta seu próprio ateliê. Retorna a Milão, em 1928, com o intuito de tomar-se aluno de Adolfo Wildt na Academia de Brera. Desenvolve nos anos seguintes uma escultura que adquire gradativamente o domínio de uma linguagem mais pessoal e livre, assim como sua cerâmica realizada em Albisola a partir de 1937. Participa dos tradicionais eventos artísticos italianos.

Com a II Guerra Mundial, estabelece-se em Buenos Aires como professor de modelagem e organiza com seus alunos a Academia de Altamira, onde elabora as teorias e as diretrizes de sua pesquisa artística que culmina com o "Manifesto Branco", redigido por seus alunos em 1946, propondo uma arte tetrádica diante das possibilidades tecnológicas de unir a cor, o som e o movimento ao espaço e ao tempo.

Novamente em Milão, no início de 1947, Fontana lança, por meio de uma série de manifestos, o Spazialismo, propondo desvincular a arte da matéria, aproximando-a da tecnologia, do rádio e da televisão. Com o segundo manifesto, no ano seguinte, concebe o *Ambiente Spaziale a luce nera* exposto na Galleria del Naviglio em 1949, onde uma forma orgânica e dinâmica, suspensa em uma sala escura, recebe flashes de luz negra. Originada de sua ação sobre a matéria de suas esculturas, nesse mesmo ano, Fontana toma uma atitude radical, furando o plano bidimensional da tela em busca de uma terceira dimensão real na pintura.

Na IX Trienal de Milão, em 1951, confirma sua



idéia contrária à concepção de uma arte como representação do espaço, instalando a obra *Luce Spaziale* em luz neon e lançando o manifesto técnico de seu movimento. O conceito de espacialismo de Fontana baseia-se no princípio de que, em nossa era, a matéria pode ser transformada em energia invadindo o espaço em uma forma dinâmica proporcionada pela tecnologia. Em contraponto procura, na materialidade de suas obras, evidenciar com atitudes severas as possibilidades de ruptura da matéria, como em seus *Buchi* (Furos), e a partir de 1957, seus *Tagli* (Cortes), que Fontana realiza com um gesto decidido: corta a superfície pictórica - utilizando instrumentos da escultura -, rompendo com a ilusão de profundidade proporcionada pela perspectiva desde o Renascimento. Com a mesma intenção, fura ou rasga a matéria de suas esculturas, possibilitando um contato entre o espaço interior e o exterior. A denominação genérica *Conceito espacial* aplicada às suas obras determina o caráter intelectual, reflexivo e, também poético de sua pesquisa, ao recriar com fragmentos de vidro, areia e pedra estruturas espaciais sobre a tela.

Nos anos 1960, com reconhecimento internacional, sua postura radical em relação às tradições artísticas mantém-se nos *tagli* (cortes) que ele executa sobre chapas metálicas e na série *Fine di Dio* - pinturas ovais monocromáticas com furos ou cortes - que reforçam sua busca incessante pela origem e pelo infinito. Recebe o Grande Prêmio de Pintura, na XXXIII Bienal de Veneza de 1966, com uma sala branca na qual telas monocromáticas brancas com cortes verticais assinalam uma das mais irreverentes atitudes artísticas da modernidade.

Conceito Espacial, 1965

óleo sobre tela,

92,4 x 73,2 cm

Aquisição MAC-USP na Galerie XX^{ème} Siècle em Paris

Fontana representa para a arte europeia do pós-guerra uma incessante busca pela descoberta de uma nova dimensão de mundo. Documentado por uma série de manifestos, como o Manifesto Branco, lançado em Buenos Aires em 1946, e o Movimento Espacial, lançado em Milão no ano seguinte, Fontana afirma uma nova postura artística frente às possibilidades tecnológicas e propõe redimensionar a arte em seu locus original. O espaço leva o artista aos seus *Conceitos espaciais* - proposições de ruptura com a bidimensionalidade do plano pictórico e da tridimensionalidade da matéria escultórica - que realiza em sucessivas séries, ao longo das décadas de 1950 e 1960.

Conceito Espacial, de 1965, é representativa de um percurso que se inicia em 1949, com sua ação deliberada de furar e cortar a superfície da tela. Os gestos decididos e calculados do artista na pintura monocromática em amarelo ácido negam a tradição pictórica. "O campo oferecido pela superfície da pintura, e que Fontana define na medida exata, é um campo de forças por causa do conteúdo simbólico que a tradição e a história, da arte ocidental, contribuíram para construir: plano da representação, superfície da projeção do imaginário, espelho opaco das coisas, espaço ilusório ou concreto para a construção das figuras e dos ícones. Fontana o delimita e desnuda em suas monocromias, quer seja o branco da tela preparada, quer seja uma cor."¹

Rompida a superfície, a constatação do ato do artista nos permite entrever através das estreitas aberturas o que há além. Corrói a estrutura fechada do sistema da pintura, do sistema da arte, do sistema da cultura, e a abre às regiões ulteriores do não-dito, do indizível e do não-representável. Tira a casca do hoje para revelar dimensões do futuro: traspassando o espaço dado ou concedido, transpassa o tempo de sua própria permanência nele.

¹ Pier Luigi Tazzi. In *XXIV Bienal de São Paulo: núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos*. 1998. v.1, p. 214. (tradução de Eugênia Deheinzelin)

aproximações

Professor/a, a história da pintura é estreitamente vinculada à história de seu suporte, que eram inicialmente as paredes de moradias, igrejas ou palácios. No pré-Renascimento, surge a pintura de cavalete como maneira de acolher os anseios da burguesia mercantilista que então se fortalecia e começava a se transformar em um poderio econômico. Ansiosos por mostrar sua riqueza, a burguesia, que se desenvolvia, encontrou na arte uma forma de ostentação. Passaram a fazer encomendas a artistas que buscaram um suporte mais adequado às novas demandas. O afresco e a pintura sobre madeira não respondiam às características de leveza e mobilidade requeridas por esse novo cliente. Surge, assim, a pintura de cavalete, feita em tela (tecido) e de fácil transporte.¹

Estude esse momento da história da arte com seus alunos.

Divida a classe em grupos para analisar alguns artistas que trabalharam com a pintura sobre tela em diferentes períodos da história da arte.

Pesquisem a produção pictórica de Lúcio Fontana com o objetivo de compreender atitude do artista como questionador da tradição da pintura.

Uma outra forma de introduzir os alunos ao estudo desse artista, antes de apresentá-los à obra, é contar uma história fictícia: imaginem que numa certa data, num certo lugar, pessoas produziam seus trabalhos sobre telas, quando um indivíduo pintou toda a tela e em seguida rasgou-a, cortando-a ao centro com gestos certos por meio de um objeto pontiagudo.

O que pensam sobre isso?

Após essa introdução e tendo como referência o texto sobre o artista, reflita com os seus alunos o que pode ter significado a atitude de Lúcio Fontana no final dos anos 1950, quando rasgou uma tela num gesto, hoje considerado pontual na história da pintura.

Fontana repetiu esse gesto numa série de telas e hoje elas estão espalhadas em diferentes museus do mundo, configurando mais um capítulo da história da pintura.

Converse com seus alunos sobre o espaço na pintura. Quais as diferentes formas de se pensar e trabalhar o espaço na pintura? É possível, por exemplo, pensar na representação da espacialidade no Egito antigo, na Idade Média, e no Renascimento italiano com a ilusão tridimensional proporcionada pela perspectiva.

Discuta também a noção de espacialidade apresentada por Fontana, que interfere no espaço físico da obra e não apenas no espaço representacional, como é o caso dos exemplos mencionados acima.

Conceito Espacial, apresenta seis rasgos longitudinais. No entanto, na parte de trás da obra o artista fixou um tecido fino e preto criando um anteparo entre o espaço representacional da pintura e o espaço físico do mundo.

Qual pode ter sido a intenção do artista ao colocar esse tecido?

Pesquise outras possibilidades de rompimento com a tradição da história da arte, propostas ao longo dos anos 1960 e 1970 com a arte conceitual.²

¹ Para as séries iniciais do Ensino Fundamental sugerimos o livro *A criação da pintura: tintas, pincéis e superfícies: A história do material artístico*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

² Recomendamos a leitura de FREIRE, 1999.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A criação da pintura. *Tintas, pincéis e superfícies: A história do material artístico*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Lucio Fontana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1966.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comuniquê, 2003.
- DE MICHELI, Mario. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FREIRE, Cristina. *Poéticas do Processo - Arte Conceitual no Museu*, São Paulo: Iluminuras LTDA, 1999.
- XXIV Bienal de São Paulo: núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998.
- GARDNER, J. *Cultura ou Lixo?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- HONNEF, Klaus. *Arte Contemporânea*. Colônia: Taschen, 1992.
- JAPPOLO, Giovanni. *Lucio Fontana: "qui sait comment est Dieu?"*. Marseille: Images en manouvres, 1992.
- KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LUCIE-SMITH, Edward. *Movements in Art Since 1945*. London: Thames & Hudson, 1984.
- MALPAS, James. *Realismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *Iniciação à pintura*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- OSTROWER, Fayga. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Campos, 1983.
- READ, Herbert. *História da Pintura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SMITH, Ray. *The artist's handbook*. London: Dorling Kindersley Limited, 1987.
- WOOD, Paul et al. *Modernismo em disputa: a arte desde os anos 40*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
Vice-Diretor • Kabengele Munanga
Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita
Apoio • Fundação Vitae
Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales

Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.

Projeto Gráfico • Elaine Maziero
Arte Final • Carla C. do Carmo
Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

